

Estados Unidos fecham o cerco aos fumantes

da The Economist

Dê uma volta pelas ruas de qualquer cidade norte-americana e você os verá, sob marquises, em portarias, na entrada ou na saída de algum lugar, alimentando seus hábitos como se fossem drogados. Muitos fumantes aceitam a comparação. Afinal de contas, a nicotina é uma droga potente e mortal: pode viciar tanto quanto a heroína, declara o Instituto Nacional do Abuso de Drogas, e responsável por mais mortes que o álcool e todas as demais drogas juntas. Nos últimos 20 anos os fumantes aprenderam como os americanos tratam os viciados em drogas - com desprezo, não com piedade. Agora eles estão descobrindo como é ser tido como portador de uma doença horrível.

Nas últimas semanas, medidas para restringir o uso de cigarros em lugares públicos varreram o país. Algumas foram decretadas pelos governos estaduais ou locais municipais; outras, por empresas. No entanto, todas são concebidas com o mesmo objetivo: colocar os fumantes em quarentena.

Em 22 de março, o Subcomitê de Saúde e Meio Ambiente da Câmara Federal dos Estados Unidos patrocinou audiências sobre um projeto de lei apresentado por seu "chairman", Henry Waxman, que baniria o ato de fumar de todos os edifícios não residenciais onde circulassem mais de dez pessoas por semana. Que uma legislação tão draconiana seja levada a sério em Capitol Hill é apenas o sinal dos tempos. Na terra do sorvete dietético e olhares de desaprovação àqueles que ingerem bebida alcoólica no almoço, a proporção de fumantes está caindo há anos - de 42% para 26% desde 1955. E aviltamento da imagem dos executivos fumantes ("Como eles vivem consigo mesmos?", pergunta o The New York Times) também já é um velho hábito. A novidade é a insistência cada vez maior dos não fumantes em não serem forçados a entrar em contato com aquela obscura mistura de nicotina, monóxido de carbono e outros cancerígenos de que os fumantes tanto gostam.

As implicações dessa in-

sistência, tanto para os viciados em tabaco quanto para a indústria, são tão sérias quanto irreversíveis. Considere os números. Quase 90% dos norte-americanos - inclusive um terço de todos os fumantes - dizem aos pesquisadores de opinião pública que eles acham o hábito de fumar muito irritante. O número de pessoas que apóiam a supressão do cigarro em locais públicos (internos), em relação às sanções mais leves como área reservada, praticamente dobrou desde 1983, para 35%.

Talvez a coisa mais impressionante sobre o crescimento de atitudes antitabagistas nos anos 80, além de sua correção, foi seu caráter de origem nas raízes norte-americanas. Depois, no ano passado, a Agência de Proteção Ambiental (EPA) classificou oficialmente o ato de fumar passivamente como um dano à saúde que causa três mil mortes por câncer de pulmão entre não fumantes e 300 mil doenças respiratórias entre crianças a cada ano. Se tais estimativas têm base científica, é altamente contraditório. O que fica claro, entretanto, é que a EPA forneceu um alívio de cima para a pressão popular, que estava crescendo de baixo para cima.

Quase 90% dos americanos acham o hábito irritante

No início de março, Maryland se tornou o primeiro estado a proibir o fumo em todos os locais de trabalho (inclusive restaurantes e bares), com a exceção de salas especialmente ventiladas para esse fim.

As autoridades de Maryland argumentam que, devido ao fato de o ato de fumar passivamente ser cancerígeno, permitir que as pessoas fumem nos locais de trabalho viola as leis estaduais de segurança e de saúde ocupacional. Os líderes do conselho da cidade de Nova York concordam e querem ir mais além: proi-

Exportações são intensificadas

Os Estados Unidos mantêm uma atitude dupla quando combatem o tabagismo. Enquanto lutam implacavelmente contra os fumantes do país, atuam de forma passiva ante a crescente exportação de fumo para a América Latina, África e Ásia. Segundo a agência EFE, Michael Ericksen, diretor do setor de Fumo e Saúde do Departamento de Saúde e Serviços, ao admitir a política dupla dos Estados Unidos, afirmou que o governo de Bill Clinton "procura uma política muito mais consistente entre o comércio e a saúde".

Enquanto nos EUA os fumantes são reprimidos e transformados em viciados, a indústria do fumo mantém uma tendência de crescimento de suas exportações, que em 1992 totalizaram os US\$ 6,2 bilhões.

O jornal "The Washington Post" descreveu a situação como a "hipocrisia do fumo", na qual entram em confronto as

políticas de saúde com as comerciais.

Os fabricantes norte-americanos de marcas como Marlboro e Camel têm intensificado suas campanhas publicitárias na América Latina, Ásia e África para compensar suas perdas nos Estados Unidos.

As campanhas publicitárias norte-americanas unem "a cultura do Camel" e "o grande país de Marlboro" ao consumo de cigarros norte-americanos como símbolo do nível de cultura ocidental.

Com a queda do comunismo e o desaparecimento das repúblicas soviéticas abre-se um espaço para campanhas de penetração das exportações do cigarro norte-americano.

Os dados norte-americanos mostram também que as campanhas se intensificaram nos mercados do Oriente Médio, Sudoeste Asiático, Japão, China e nas nações africanas.

bir o fumo em todos os locais públicos, mesmo ao ar livre, como estádios e parques.

É claro que os proprietários de restaurantes e bares se opõem a tais medidas, com receio de que espantem os clientes fumantes. Mas, por incrível que pareça, muitos não pensam assim. Em fevereiro o McDonald's proibiu o fumo nos seus 1.400 restaurantes e um terço das 7.700 franquias fez o mesmo. Logo depois a Jack in the Box e a Taco Bell imitaram. Agora, o Conselho Nacional de Cadeias de Restaurantes está apoiando o projeto de lei de Waxman, porque permitiria aos restaurantes proibir o fumo sem dar uma vantagem à concorrência no setor de serviços de alimentação.

O conselho não está sozinho. Grupos de proprietários e administradores de edifícios apóiam a lei de Waxman (que permitiria salas especiais para fumantes). O mesmo ocorre com os suspeitos de sempre - a Associação Médica Americana, seis ex-secretários da Saúde - e a administração Clinton. A presidente da EPA, Carol Browner, argumenta que a lei salvaria até 100 mil vidas por ano (de fumantes e não fumantes) e até US\$ 19 bilhões em custos médicos e perdas salariais.

Tais opiniões são apenas um sinal de que o clima em Washington ficou mais difícil para os fumantes. Tudo começou, memoravelmente, quando Hillary Clinton declarou, poucos dias após ter mudado para a Casa Branca, que lá seria um "ambiente sem cigarros".

Depois veio a decisão de que uma grande fatia do fundo para a reforma do sistema de saúde viria de um imposto de 75 centavos para cada maço de cigarros. Há algumas semanas o Departamento de Defesa declarou que em futuro breve o cigarro terá restrições em todas as bases militares, justamente os bastiões onde metade dos soldados fumam.

Uma ameaça ainda mais

300 mil doenças respiratórias por ano entre as crianças

grave vem da Food and Drug Administration (FDA). Tradicionalmente, a FDA não tentava afirmar sua autoridade em relação ao tabaco. Por razões óbvias: produtos sob sua jurisdição devem ser saudáveis e benéficos - um teste em que os cigarros fracassam redondamente. Mas recentemente o comissário da FDA, David Kessler, citou evidência de que as companhias de tabaco manipulam a quantidade de nicotina em seus produtos, o que serve de base para a agência considerar os cigarros como droga. Isso, acrescentou, poderia significar, "em última análise, a remoção do mercado de produtos de tabaco", com altos níveis de nicotina.

A despeito de tal bombardeio, gigantes do setor, como a Philip Morris, continuam superotimistas com

seu futuro - ao menos em público. Que 40 milhões de americanos tenham deixado de fumar, insistem seus líderes, é prova de que a nicotina não é nem viciante nem uma droga. Entre os jovens, o hábito de fumar parece estar voltando à moda. E quaisquer que sejam as dificuldades do setor em nível doméstico, suas vendas na Ásia e no leste da Europa, parecem prontas para explodir. Nem todo esse otimismo é deslocado. Com US\$ 45 bilhões por ano em vendas apenas na América, os barões do tabaco continuam politicamente poderosos. A Philip Morris processou a EPA devido à regulamentação sobre fumantes passivos; o desafio das cortes para a proibição do fumo paira em cada estado da federação. A indústria se prepara para a grande luta contra o imposto a ser implementado, mas não parece que a administração queira arriscar uma guerra total.

Mas os homens do tabaco sabem que estão em dificuldade. Enquanto os processos dissecavam comprovações cada vez mais condenadoras, a negação por parte da indústria de cigarros de que eles são um bando de traficantes de drogas, virou piada: um memorando da Philip Morris, recentemente revelado, diz "pense no cigarro como uma receita para uma dose de nicotina". Se o Congresso vai ou não aprovar a lei de Waxman, alguma outra lei deverá passar, juntamente com rótulos de advertência ainda mais duros ou mesmo restrições sobre propaganda e promoções dirigidas aos jovens.

Mesmo que a indústria de tabaco escape à ira de Washington, ainda deve enfrentar o fato de que os dias de fumar em público estão contados. De acordo com uma pesquisa pelo escritório do Ministério do Interior, a proporção de empresas que baniram o fumo cresceu de 2 para 4% desde 1986. A mudança não foi causada por nenhuma autoridade regulamentadora ou burocrata fanático e sim pelos próprios trabalhadores.

A oportunidade que o movimento antifumo ganhou com a questão do fumante passivo preocupa os fabricantes de cigarro muito mais que o movimento anterior. Sim, eles terão grandes recompensas no estrangeiro - no futuro. Mas para o momento aqueles mercados serão demasiado pobres para produzir muitos lucros. Com uma oferta de margens sobre vendas três vezes maior que a de outros mercados, a América dá conta de um pouco menos da metade das vendas da Philip Morris, mas de quase 75% de seus lucros de tabaco. E devido às reduções de preços, aqueles lucros não são o que já foram no passado.

A triste verdade é que a Philip Morris está lutando uma batalha perdida. Os cruzados do antitabagismo já não são mais um pequeno movimento: eles são simplesmente os mais zelosos (e incômodos) representantes de um amplo consenso popular.

Para os fumantes normais, aquela verdade é igualmente triste. Pressionados e perseguidos, são tratados como párias por causa de um hábito adquirido por muitos deles

Lei salvaria até 100 mil vidas por ano, diz a EPA

quando ainda era o máximo da moda. Não há dúvidas de que eles merecem mais tolerância e menos desprezo de seus compatriotas. No entanto, não é pouca ironia o fato de que a força que as empresas de tabaco citam (quando acusadas de direcionar seus anúncios aos jovens) como a verdadeira razão pela qual as pessoas começam a fumar, agora se transformou em uma das maiores razões pelas quais as pessoas desistem: pressão do colega.